



## Homenagem ao aniversário da cidade de São Paulo

O Departamento Cultural da APM, pelo presente número, vem prestar homenagem ao 435.º aniversário natalício da cidade de São Paulo, publicando uma poesia sobre a sua fundação, um artigo sobre a origem da Santa Casa paulistana e uma fotografia recente.

Parabéns terra de muitas coisas. Sob a proteção de Deus, permaneça sempre altaneira e grandiosa, palpitante na sua diversidade e curiosa nas suas contradições.

Guido Arturo Palomba

## A fundação

\* Narbal Fontes

*E no alto da colina,  
passou-se a cena divina:  
uma cidade nascia  
com o nome do padroeiro  
— o santo daquele dia!  
25 de janeiro!  
É tão pequeno o povoado!  
Consta de um teto de palha,  
um altar improvisado  
e, em derredor, nada mais...*

*Só à distância se espalham  
alguns velhos tejupares...  
— os mais primitivos lares  
de famílias guaianás.  
O padre Paiva benzeu  
aqueles humildes chãos...  
E foi assim batizado  
o minúsculo povoado,*

*no momento em que nasceu,  
como convém aos cristãos.  
O sacerdote, em seguida,  
rezou a missa, assistida  
por outros padres e Irmãos:*

*Serrão, Diogo, José,  
Pero, Braz, Manuel, Vicente...  
A voz do Abarèbebê  
cantando os hinos da fé  
povoa a paisagem calma,  
vai longe, pelos caminhos,  
desafiando os passarinhos,  
assombrando aquele povo  
— catecúmenos vermelhos,  
que, à roda, assistem de joelhos  
— crianças do mundo novo,  
nuas de corpo e de alma...*

\* Tirado do livro Romance de São Paulo, de Narbal Fontes - Poema do 4.º centenário da fundação da cidade (1554 - 1954)



# Origem histórica da Santa Casa

\* Dulcio Crispim Farina

Aos 15 de agosto de 1498, D. Leonor de Lancastre, a princesa perfeitíssima, mandou redigir a Frei Miguel Contreras, trinitário, o Compromisso dos fundadores da Confraria da Misericórdia na Capela de Nossa Senhora da Piedade do Claustro da velha Sé de Lisboa.

Regente nesses dias, a que fora rainha e esposa do príncipe perfeito, D. João II, o da "Pola ley e pola grey", mote e distico de um povo e de uma raça. El rei D. Manoel, seu irmão, era ido a Castela, com sua esposa Isabel, filha dos reis católicos, para serem jurados herdeiros das coroas de Leão, Castela e Aragão.

Ato memorável, germe de Confrarias, Irmandades, Hospitais, Casas Santas que logo vão à Beja, chãos natais de Leonor, Évora, Porto, a todo Portugal, e às terras d'África, Madeira, Goa, Diu, Damão, à China e ao distante Japão com os seguidores, logo mártires de São Francisco Xavier. As caravelas, com as insígnias da Cruz de Cristo de Tomar, levam consigo as sete partes do mundo, as sete partidas, um pensamento e uma ação, as Santas Casas, como semente da assistência que se deve às dores humildes. Das Naus, em verdade desembarcam, ram, ao mesmo tempo, as insígnias do Poder e as Obrigações da Caridade. Em Santos, no outeiro de Santa Catarina, Brás Cubas ergueu o marco primeiro da caridade cristã desprendida, em terras de Piratininga.

Com Leonor de Lancastre cristalizou-se de forma definitiva afeição marcante do labor e do gênio do homem português. Vinham de longe, mesmo antes do consolidar da nacionalidade e dos dias da reconquista. Num cadinho sedimentavam-se as somações de gestos e testemunhos de afirmações e renúncias sem par. São Martinho de Dume, na região Bracarense e Galizia, ainda no tempo dos suevos, São Teotónio, de Valença do Minho até Guimarães, as decorências de Bernardo de Claraval, dos monges de Cister, e dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho no Mosteiro de Santa Cruz, célula de fé, religião, cultura e de incipiente medicina com Gil Rodrigues, frei Gil de Santarém ou São Frei Gil, da ordem dos Pregadores, de Vouzela, a estudar filosofia e medicina na Santa Cruz Combricensis e mais tarde em Paris, inícios alvissareiros da arte esculpina em Portugal. E mais os frades de Alcobaca, e aquele reduzido, oásis de religião e dedicação ímpares no mosteiro do Lorvão, junto à Penacova, a cavaleiro do Mondego, a correrem as águas desde o início dos tempos, da Estrela, o Hermínio dos Romanos. Deste fortim de fé veio o socorro justo e primacial, quando dos assédios de Fernando, o Magno, e ao depois, do conde Enrique de Borgonha, à Coimbra, então cidadela da mourama. Tes-

temunhas iniciais de fraternidade, apoio, amor ao próximo que se vão consubstanciar nas 14 obras da Misericórdia, espirituais e corporais remir os caivos, visitar os presos, confortando-os, cobrir os nus, dar de comer a quem tem fome, curar os enfermos, dar pousada aos peregrinos pobres, dar assistência aos condenados e enterrar os mortos. É mister ainda rezar pelos mortos, dar bom conselho a quem o pede, castigar com caridade os que erram, consolar os aflitos, sofrer com paciência as injúrias, anular as desavenças, amparar os expostos e ensinar os simples. O Hospital de Todos os Santos (1492), aquele das Caldas da Rainha (1485), e o da Misericórdia ficaram a presidir a gesta de homem de pro, todos os homens bons e de coração, de consciência reta e vida sã.

Mais uma vez e sempre, temos enfatizado que em nossa terra tudo começou, em termos de medicina, com Anchieta, e veio a terminar num apostolado não menos grandioso e meritório com Arnaldo Vieira de Carvalho. À sombra da Misericórdia Confraria, Irmandade e Hospital soergu-se a Medicina do Planalto de Piratininga. Lancetas, beberagens, bisturis, teriaças exprimem a doutrina cristã e a doação ao próximo, herdadas dos primeiros dias portucalenses e transplantadas aos Brasis. Relata o padre Simão de Vasconcelos que devemos a Misericórdia da Guanabara ao Beato Anchieta, em 1582. Recolheram-se ao seu hospital, de pronto preparado, os enfermos e os feridos da armada castelhana de Diogo Flores Valdez, então em serviço de policiamento de nosso litoral contra piratas e corsários. Entrara uma frota no porto, carregada de tristezas e enfermidades, sem medicina para as tripulações, atacadas de escorbuto, nem alimentos para o prosseguir da viagem, e 153 soldados e marinheiros tinham morrido na travessia do Cabo Verde ao Brasil. Outros duzentos adoeceram e morreram na bela São Sebastião do Rio de Janeiro. Sarmento de Gamba exalta a piedade dos portugueses do Rio de Janeiro que sobre "a multidão de desgraçados estenderam cristãmente o manto da misericórdia". Por mercê de Deus aqui encontravam a "pia misericórdia" ou a Santa Hermandad, como denominava Cervantes. Frei Antoni de Santa Maria, no seu "Santuário Mariano", afirma que foi criada a Misericórdia carioca para atender às centenas de doentes da esquadra castelhana. Anchieta, com a doçura e a santidade que Deus lhe deu, ajudava a curar os enfermos, ministrando-lhes, taumatúrgico com forte sabença médica, os remédios, muitas vezes de sua inspiração.

Calmon cita papel inédito, existente no arquivo das Índias, de Sevilha, em que narra a caridade com que tinham sido tratados e hospe-



dados os marinheiros e os soldados da esquadra de Valdez. O documento proclama que "la confraria de la misericórdia desta ciudad (Rio de Janeiro) hizo lo que pudo. Todo fué poco por al tiempo haber poco."

O povo fez o possível para atender o forasteiro na sua miséria e doença. E como não houvesse na terra o suficiente, correram a Santos, o segundo da frota o almirante Diego de Ribeira, o provedor Esquivel e o tesoureiro Equino, para arrecadar farinha e viandas faltantes. Atrás deles várias embarcações, levando sal para a salga de carne. Duzentos bois desceram de São Paulo, como informam as atas da Câmara de nossa Vila. Na realidade a história da pátria vinha sendo escrita, em concordância com os Compromissos da Misericórdia. Para socorrer aos espanhóis, a pobre Misericórdia do Rio constituiu às pressas as suas enfermarias junto à praia, ao sopé do morro do Castelo, nos mesmos lugares onde se ergueram depois as suas casas hospitalares, em Santa Luzia.

A data da fundação da Misericórdia de São Paulo não pode ser rigorosamente estabelecida. Souza Campos sempre bem informado diz ser "provavelmente quinzentista por se encontrar um legado, em testamento feito em 5 de outubro de 1599, no valor de hum mil réis, para a Misericórdia". Em 1607, há registro de outro legado. Nardy Filho, o erudito historiador itano, assegura que em data anterior a 1600 constava a existência de um hospital da Santa Casa.

O documento mais antigo existente a nos falar sobre instituição, adianta nos Paulo de Godol, é o termo de mesa, datado de 3 de março de 1703. Outros termos porém nos indicam que os primórdios da instituição remontariam ao último decênio do século XVI. No relatório do provedor Francisco Martins de Almeida, de 11 de julho de 1875, há a afirmativa da existência de um livro para inscrição de irmãos da Irmandade, com

data de 26 de setembro de 1680, livro esse que foi aberto para substituir o anterior.

O livro de atas não vai além do ano de 1703, mas atesta já nesse tempo, longos anos da Irmandade. Aos 31 de dezembro de 1714, o provedor Izidro Tinoco de Sá, propôs que se desse início a um hospital de caridade que ter-se-ia instalado em 24 de abril de 1715, em lugar que se ignora.

Conhecem-se os nomes dos primeiros provedores da Irmandade, a partir de 1680. Antonio de Godol Moreira, Francisco Baruel, Matias Rodrigues da Silva, Miguel de Camargo, capitão Antonio Rodrigues de Medeiros, Izidro Tinoco, Manoel Campos Domingos, Domingos Dias da Silva, Estevão Cunha de Abreu, este mais aqúela, benfeitores do arrabal de sertanistas.

Antonio Egídio Martins, o cronista do início deste século, em "São Paulo Antigo", legou-nos crônicas admiráveis com um repertório inculcável de registro da história colonial de Piratininga.

Informa-nos que a direção da Santa Casa começou a se preocupar com a adaptação de um prédio a hospital em 1724. Para tal fim foi proposta a compra das "quatro moradas contíguas à Igreja, do lado da rua da Quitanda". "Esta Igreja, logo conhecida como da Misericórdia, estava situada no pequeno largo do mesmo nome, no ponto de junção do Comércio e Direita. Esta mais precisamente rua Direita de São Bento para São Francisco e dessa época em diante rua Direita da Misericórdia para Santo Antonio".

Em 1749 na provedoria de Miguel Alves Ferreira a mesa tomou a deliberação de transformar as casas em hospital. E de crer-se que assim foi feito. Em 1795, já era suficiente para as necessidades, pois propôs o provedor que se "reserve duas casas contíguas à Igreja, pelo lado da rua Direita" para ser transformada em hospital dos pobres, por estar o hospital grande ocupado pela Fazenda Real", que aí mantinha enfermarias para

os soldados dos regimentos aquartelados na cidade. Mas prosseguiram os trabalhos das obras de adaptação das duas casas da rua Direita, em 1799, quando as mesmas foram arrendadas para a edificação de um hospital exclusivo para os militares.

Tempos de Cândido Gonçalves Gomide, Justiniano de Melo Franco, pioneiros da vacinação Jenneriana anti-variológica, acrescidos mais tarde da ação de Muzzi e Libero Badaró. Tempos da Legião Paulistana que vai se cobrir de glórias e de ferimentos nas guerras contra os castelhanos, nas lindas da que vai ser a Província de São Pedro, Dias da Franca e Horta e do primeiro curso de medicina em terras de Santa Cruz, no Pátio do Colégio, sob a égide do doutor Mariano do Amaral, futuro mestre da Escola médico-cirúrgica da Corte, sonhos de Picanço, Barão de Goiana, atos de Dom João VI.

Alguns iam sendo destinados para o levantamento em uma nova Santa Casa, e os fados fazem soprar ventos propícios para os lados da Irmandade, acelerando seus propósitos. Imenso benefício veio trazer a doação, pelo conselheiro Diogo de Toledo Ordonez, de uma fazenda de sua propriedade sita no distrito de Mogi-Mirim, com o desejo expresso de ser destinada a contribuir para a ereção de uma casa de expostos. Com consentimento do marechal de campo José Arouche Toledo Rendon, irmão do doador, a fazenda foi vendida por sugestão do provedor Lucas Antonio Monteiro de Barros, depois Visconde de Congonhas do Campo. O dinheiro permitiu a arrematação em hasta pública, em 1824, da chácara dos Ingleses, "sita no largo da Glória e pertencente ao espólio do coronel João Radmaker". Esta a possuir por compra de terras da Quinta de Francisco Machado e dispêndia a Santa Casa a importância de 526\$000.

Aos 02 de julho de 1825, dia de Santa Isabel de Aragão, rainha santa de Portugal e padroeira de Coimbra e da Irmandade, na chácara

dos Ingleses, em festiva inauguração e perante numerosa assistência, um ato solene abriu as portas do nosocômio. Relatam as crônicas que "um parque de peças de pequeno calibre, de propriedade do ilustre general Arouche lá estava posta e um púlpito portátil se ergueu próximo do hospital, cujas janelas se revestiam de colchas de damasco". E a ele um velho costume das festas da metrópole a retratar velhas influências moçarabes Nas províncias, na Bahia e Vila Rica, também similes a Portugal, sempre as janelas se engradavam, com colchas e brocados.

O verbo de praxe foi dito pelo orador sacro, futuro lente da Academia de Direito, Manuel Joaquim do Amaral Gurgel, de quem os homens grados teceram sempre enócmios pelo brilho da palavra e labor da sua pena. Fronteira ao cemitério dos Afliitos era a chácara dos Ingleses, um dos prédios do velho S. Paulo que maior e mais heterogênea messe de lembranças encerrava em seu bojo e em sua arquitetura colonial, nele se estabeleceram numerosos episódios dos mais interessantes e dignos de menção.

Durante alguns anos, até 1822, residiu nela Domitília de Castro, que deveria ser em breve Marquesa de Santos; em 1825 a Irmandade da Misericórdia removeu das dependências da Igreja de Misericórdia para ele o hospital por ela mantido, funcionando em sua nova instalação até 02 de julho de 1840 em que se transferiu para o prédio da rua da Glória, esquina da rua dos Estudantes. A construção do novo hospital vinha de julho de 1832 concorrendo para tanto o marechal Arouche de Toledo Rendon com avultadas quantias e até cedendo as gratificações dos 04 anos em que serviu como diretor dos Cursos Jurídicos.

Afonso de Freitas, insigne historiador, assinala o hospital "que por cinco lustros sentiu o queixume de todas as dores e abrigou as desventuras humanas que se iam confortar sob a égide caridosa e filantrópica da Irmandade da Misericórdia". Releva acrescentar que "abrigou a república de estudantes e assistiu o desenrolar de todas as loucuras germinadas pelo cérebro incandescente de um grande poeta e as primeiras manifestações do misantropismo doentio de outro desvariado cultor das musas e novatêl romancista". Era a república dos incorrigíveis boémios que foram Alvares de Azevedo, Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa. Lá explendeu o futuro Barão de Paranapiacaba, em cenas dignas das "Noites da Taberna".

Alvares de Azevedo se referiu ao casarão: "Defronte ficava o cemitério, ao lado um casarão em ruínas".

O local não lhe agradou.



# ...a de Misericórdia paulistana

...nem um pouco. Não se esqueceu de dizê-lo à irmã: "E para desgostar um homem, basta a sua vida ver ruínas!"

Em seu livro Macário, abrange em descrição literária deste local, num golpe de vista, o panorama da cidade numa das mais sugestivas páginas que escreveu. Esta residência do poeta teve forçosamente exercido a influência da proximidade do cemitério contribuiu para acentuar mais ainda a impressão.

O viajante Kidder chegou pelo Caminho do Mar, antes de entrar na cidade pelo largo do Pelourinho (atual Sete de Setembro), passou pelo hospital da Misericórdia, na antiga chácara dos Ingleses, descrevendo-o "como lindamente colocado fora da cidade num lugar descampado". Reformado, apagara-se a imagem triste de seu aspecto ruinoso. Era sobrado alto e vistoso, antiga sede da chácara e perto dele, do outro lado do caminho, ficava o cemitério formado em volta da Capela de Nossa Senhora dos Afliitos.

Para se chegar à chácara dos Ingleses — e Kidder também o fez — passava-se após a desambulação pelo Ipiranga, pelo riacho Lavapelo, nome sobrevido da usança de suas águas por procoiros viandantes para lavagem de seus pés antes da entrada na cidade, onde ingressavam calçados em botas, coturnos e borseguins.

Mas, à noite, o local da Santa Casa, além de ermo, era mal iluminado. O mesmo Alvares de Azevedo deixou nos suas impressões do aspecto noturno do local. O poeta, voltando do botafora de um amigo que viajara para Santos, cruzara a baixada da Glória, já de noite, a caminho da cidade e anotou: "Além, lá longe, se levanta a cidade negra, e os lampiões, abalados pela ventania, pareciam esses meteoros efêmeros que se levantam dos paludes".

A noite paulistana era de um negrume aterrador. Em 1828 o burgo tivera os primeiros ensaios de iluminação com a colocação de 24 lampiões, concluídos no trem Nacional; iluminavam pouco, com "Maus pavios alimentados com azeite ruim, às vezes de mamona, outras de peixe e penduradas nas paredes de alguns edifícios. Os próprios moradores dessas casas deviam acender, limpar e conservar os combustores". "Difundiam uma claridade mortífera que só alumia um pequeno espaço, projetando largas sombras movediças quando o vento balançava os lampiões".

Não se acendiam nas noites de luar, pois era mister reservar combustível; pela calçada do Vergueiro, nome primeiro do Caminho do Mar, de Santos, emombo de burro, provinha o azeite de peixe, abastecedor da ilu-

minação pública. Em 1847 aparecem 160 lampiões de gás hidrogênio, providos pela fábrica de Afonso Milliet, dando nova luminosidade a becos e travessas.

E no "frouxo, baço e enfraquecido clarão dos lampiões paulistanos muita vez ouvia-se o rolar das carruagens e tilburis a levar para a Glória, velho facultativo que ia à Misericórdia menor ao sofrimento e dar lentivo a dor".

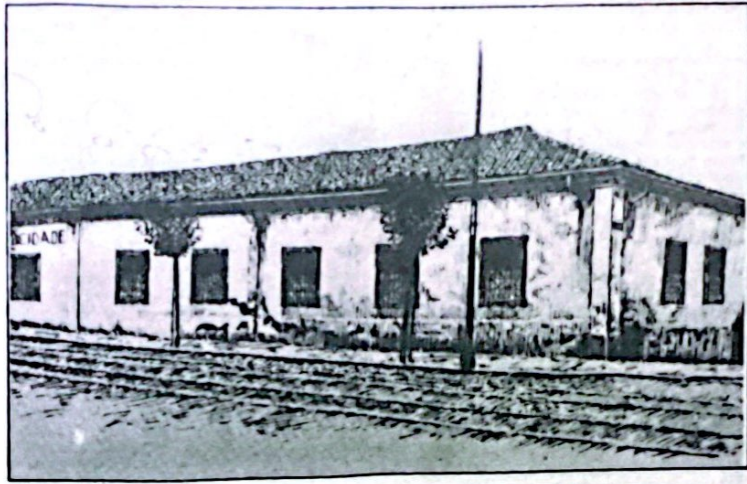
Nas imediações do antigo matadouro, da rua Santo Amaro, a estrada de carros para Santo Amaro, existia a chácara do Bexiga que mais tarde se tornou populoso bairro Seu proprietário, Tomás Luis Alvares, vendeu a à firma Antonio José Leite Braga & Comp. e esta a ofereceu à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia para nela edificar um hospital. Os terrenos possuíam 8 475 braças quadradas e ficavam entre as atuais ruas de Santo Antônio, Abolição, São Domingos e Major Diogo.

No dia 01 de outubro de 1878 realizou-se a colocação da pedra fundamental (no dizer da época — primeira pedra) do que deveria ser o prédio da Misericórdia. Comparariam além do bispado diocesano, D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, alguns sacerdotes e muitas personalidades gradas, e mais de duas mil pessoas. Depois da bênção da pedra, foi ela transportada até o local em que seria embasada por sua majestade, Dom Pedro II — em sua terceira visita à província de São Paulo. Acompanhavam-no o presidente do Conselho de Ministros, visconde de Sinimbu, João Vieira Cansanção, o dr. João Batista Pereira, presidente de nossa província; o marquês de Três Rios, Joaquim Egídio de Souza Aranha, e uma guarda de honra do Corpo de Permanentes que, postada nas imediações do lugar da solididade, prestou as devidas continências. Entretanto, os planos não vingaram. Feceram dos médicos da Capital, contrário a esse programa, derrubou a fixação da Misericórdia no Bexiga.

A proximidade do tanque do matadouro Público influíu nessa decisão: era insuportável o odor nas cercanias. As águas do tanque se despejavam no rio Anhangabau, que então passava no largo do Bexiga, disseminando um cheiro insuportável, sendo estes dois motivos os que nortearam a Câmara Municipal resolver a mudança do antigo matadouro da rua Humaitá para a Vila Mariana. Aos 05 de janeiro de 1887 foi ele inaugurado, de acordo com a planta elaborada pelo engenheiro Alberto Kuhlmann.

**A NOVA SANTA CASA**

Há um centênio mudou-se a Santa Casa para terrenos doados pelo Barão de Piracicaba e pelo dr. Antonio do Rego Freitas, local da presente localização, junto à antiga chácara do Arouche. A Irmandade, além dos



hospitais tinha a seu cargo a casa de Expostos Cuidava, ainda, do hospital dos Lázaros e dos presos pobres. José Arouche Randon serviu na provedoria durante 6 anos, o bispo dom Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, 15 anos e o Barão de Iguaçu, 23 anos.

O médico, figura acreditada e relevo de São Paulo dan-tanho, e que servisse a Santa Casa, era ao mesmo tempo cirurgião e tinha de visitar diariamente as enfermarias e, conforme as necessidades, mais de uma vez. Tinha a seu cargo também a farmácia "montada em um dos compartimentos da casa". Sob sua direção eram preparados os medicamentos. A primeira botica da instituição foi criada pelo dr. Caetano de Campos, médico nomeado, e empossado em 01 de janeiro de 1872, exercendo a mordomia João Brás da Silva. Entre 1865 e 1875 prestaram serviços os médicos Manoel Chaves, Guilherme Ellis (pai), Honorato de Moura, João Tomás de Melo, Salvador Machado, Borgoff, Guilherme Ellis (filho) e o já citado Caetano de Campos. Atendendo solicitação do dr. Caetano, foi nomeado outro clínico, o dr. Guilherme Ellis, em dezembro de 1885, reorganizando-se o quadro clínico, atendendo ao incremento das atividades em proporção com as necessidades da população, em progresso geométrica de aumento.

Eleveu-se o número de esculápios; dois para moléstias internas, dois para cirurgias (Carlos Botelho e Nicolau Vergueiro) e um oftalmologista (Adolfo Gad). Contudo, Caetano de Campos não se conformou com a reorganização. Não fora ouvido. Demitiu-se e com ele, solidário, Guilherme Ellis, pai. Ambos abandonaram o cargo não mais voltando ao hospital.

Em substituição foram escolhidos Eulálio da Costa Carvalho e João Ribeiro de Almeida Neto; nesta ocasião foi criado o cargo de médico interno com 150\$000 por mês e votada a bonificação de 500\$000 para os chefes de clínica, ela fora estabelecida para pagamento da

condução que era feita em carros pequenos puxados por um só cavalo, denominados tilburis.

O primeiro médico interno foi o dr. Sílvio de Oliveira Maia, futuro primeiro cate-drático de obstetrícia da Faculdade de São Paulo. Com o correr dos anos foi o nosocômio se desenvolvendo, aumentando o seu corpo clínico. Era o dealbar para as suas passadas de gigante, organismo opulento em que vicejaram as forças da incmensurável grandeza de São Paulo. Em 04 de outubro de 1891, criado o cargo de diretor clínico, nele por justiça empossou-se o dr. Carlos Botelho, novo marco na etapa de realizações. Arnaldo Vieira de Carvalho, príncipe da cirurgia e condestável da medicina paulista, vai sucedê-lo com brilho jamais alcançado aos 13 de maio de 1894 permanecendo neste posto até seu prematuro desaparecimento em 5 de junho de 1920. Realizara obra inzulgar, marco militário de grande magnitude.

Nesta síntese emocional, cavalgada rememorativa pelos séculos augustos deste Planalto de Piratininga, acompanhamos a ação da Misericórdia em nossos chãos sagrados, sempre crevendo páginas eloquentes na saga, gesta grandiosa de nossos maiores, o evoluir da Medicina que com ela se confundiu na crônica destacada da cidade Anchieta.

Afonso Régulo de Oliveira Fausto, cate-drático de Patologia Cirúrgica, preferiu a lição inaugural de sua matéria, em 15 de março de 1926. Publicou-a em opúsculo impresso na Seção de Obras do "Estado de São Paulo", com o nome de Recordações do Passado e da Tradição na Cirurgia Brasileira. Retrata essa publicação, hoje, rara, uma quadra de nossa Medicina e os senhos e o trabalho de tantos que permitiram a construção das bases da medicina paulista.

Recordou com propriedade o Hospital da Misericórdia, "terra alhanada e amanhada em que germinou a semente que se fez fronde que é a Faculdade de Medicina. Na verdade, ao "aceno

do gesto animador de Arnaldo, todos se dispuseram a acompanhar-lhe o ritmo e o influxo da onda vitalizante e foi, quando o Hospital da Misericórdia refulgiu em um período áureo".

As mais ousadas operações eram praticadas com brilho e êxito nos serviços de Amaranter Cruz e Alves Lima. Arnaldo Vieira de Carvalho, auxiliado por João Egídio, desenhista emérito, e Aires Neto, herdeiro de sua técnica impecável no dizer de Plínio Barreto - pontificava e "criava a ginecologia paulista de que foi mestre incontestável e incontestado e cujo nome ainda mais enalteceu, tornando-o o vexillo da religião do bem, do caráter, da honra e da ciência".

A roda de Arnaldo, na Misericórdia, tinha como membros Oliveira Fausto, Alves Lima, Diogo de Faria, Artur Mendonça, Amaranter Cruz, Antônio Cândido de Camargo e João Egídio de Carvalho, príncipes da medicina de São Paulo. Formavam um círculo matutino nesta venerada Santa Casa, "roda de Arnaldo", em que explandiam em tertúlias sérias ou em gládios hilariantes. Nesse grupo, Fausto sobressaía e dominava, narrador dos fatos e dos médicos do passado. Com João Carlos Fairbanks costumava se degladiar em canho-nelos pilhéricos, em boa prosa, suscitando encanto e inebriamento entre os ouvintes. Eram certames de graça e de espírito, onde o floreio de chistes ultrapassava o duelo de motes e ditos jocosos. Rubião Meira recordou-os com enlevo.

No milagre da multiplicação Arnaldo cria e dirige a Faculdade de Medicina e Cirurgia São Paulo, a eterna Casa de Arnaldo, escola do Araçá. A escola nascente iniciou-se vitoriosa e sua ação cresceu com os anos. Nos casarões da rua Brigadeiro Tobias se plasmaram os futuros condutores da medicina paulista. Conduzidos pela mão férrea de Vieira de Carvalho, irmanados por um sonho comum, foram os continuadores da missão. Menos de um decênio após a data da fundação

da escola de medicina, ao morrer prematuramente Arnaldo, a Faculdade já estava consolidada. Bastava apenas continuidade e pertinácia. E isso aconteceu.

Mas esta casa Santa, floriando da guirlanda de Leonor de Lancastre em chãos paulistanos, verá outras e dignas figuras: Sinéio Rangel Pestana, Cristiano Altenfelder Silva, Paulo de Godoi, Valdemar de Souza Rudge (meu mestre emérito), José Ayres Neto, este e mais aquele até chegar a estes momentos não menos magníficos com Emilio Atié, Luis Oriente, Orlando Aldar, Pedro Jabur, Nairo Trench, Cerrutti, Piato, Proença, Mário Altenfelder Silva e todos os demais.

E novas vergôntees, árvores por Cristo também muito amadas, surgem a Escola Paulista de Medicina, prolongamentos docentes e a já excepcional Faculdade de Ciências Médicas da Misericórdia Paulistana.

Num verdadeiro roteiro de quatro séculos, em máximos fastígios, no carrossel do tempo, como sucede às visões assiste-se o desfilar de eventos e labores, homens de pro e de sabença, que vão realizar ao desígnio de Leonor de Lancastre, a princesa perfeitíssima. Em síntese emocional ergue-se a poesia do tempo e surgem as magnas figuras da medicina paulopolitana: Nicolau Vergueiro e Pereira Barreto; Nicolau Moraes Barros e Celestino Bourroul, este e mais aquele, todos e principalmente Ovidio Pires de Campos e Arnaldo, em soliloquios, empatias fraternas. Naqueles instantes, junto daquela mesa de café, sorrendo golpes frios da escura bebida de que o grande condestável não se servia, resolviam os problemas da Faculdade incipiente e desta Santa Casa, glorificada pelo labor altruísta e desprendido. Aplainavam óbices e dificuldades, cimentando os seus alicerces, preparando-lhe a ascensão e construindo a glória atual.

Todos, provedores, mordomos, irmãos, membros desta eterna Confraria, cate-dráticos, assistentes, alunos e estudantes dos dias de hoje e de ontem, funcionários encarnecidos pela diuturna lida ingressaram no Mural das mais destacadas figuras da Medicina da Terra Paulista. Que as próximas gerações escutem o evoluir da História e, ao ouvir tal crônica pertinente e grandiosa, curvem-se reverentes, pois por aqui passaram os que honraram os desígnios de Leonor de Lancastre, a princesa perfeitíssima, rainha de Portugal e da Bondade pelas sete partidas do mundo! Que vivam eternamente suas lembranças. Que vivam as lembranças dos obreiros da Assistência Médica Pátria! Que viva eternamente a Misericórdia de Piratininga!

\* Palestra realizada em sessão solene comemorativa do centenário da mudança da Santa Casa da Glória para o Arouche, no salão nobre da Misericórdia.



# Evocando Leonardo Mota

João Plutarco Rodrigues Lima

Desde a última vez quando desta tribuna havíamos discorrido sobre "A Sedição do Juazeiro", trabalho posteriormente publicado no Suplemento Cultural da revista da Associação Paulista de Medicina, já era nosso propósito fazer, na próxima oportunidade, a evocação desta extraordinária figura humana, que foi o advogado, jornalista, escritor e folclorista LEONARDO MOTA.

Dele comeci a ouvir falar, ainda quando criança, através do meu pai, seu velho amigo e companheiro de tertúlias boemias.

Posteriormente, já médico e completando minha formação na Inglaterra, quando dirigia me ao Congresso Internacional de Câncer em Moscou, visitando a Tchecoslováquia, fui recebido e ciceroniado pelo escritor e professor de cultura ibero-americana da Universidade de São Carlos em Praga, Zdenek Hamppe, graças a uma apresentação de Paulo Cavalanti. Na minha despedida perguntel a Hamppe o que desejava do Brasil. Respondeu-me que gostaria de ter toda a obra de Leonardo Mota e tudo o quanto eu pudesse enviar de literatura de cordel. Desejava ele estudar a literatura popular do Brasil. Disse-me ainda Hamppe que a obra de Leonardo Mota era de uma riqueza inestimável e somente através dela era possível completar o seu trabalho.

Leonardo Ferreira da Mota Filho nasceu no Ceará, no município de Pedra Branca, a 10 de maio de 1891. Começou os seus estudos em Quixadá, aprendendo a tabuada e lendo Felisberto de Carvalho. Ainda quando criança começou a desportar como declamador e orador, exibindo, desde então, as suas qualidades memoriosas.

Com 12 anos entra para o Seminário de Fortaleza, onde ficou apenas o ano de 1913, onde esteve como ele próprio disse "encarcerado numa batina e ameaçado de ser tonsurado". Não se sabe o motivo de tão curta permanência no Seminário, mas o pai o classificava de "fedelho insuportável". Voltando à cidade de Quixadá é matriculado num colégio de frades beneditinos, muito famoso como disciplinador. É nele que Leonardo Mota faz o chamado "Curso Preparatório" mas é neste ginásio São José que ele começa a exercitar as suas qualidades de orador, no Grêmio do Ginásio - o Recreio Literário. Como os mais velhos sabem, fedelho não fazia improviso. Era preciso escrever, mostrar aos mestres e decorar. A censura funcionava sem apelação. Diz ele que decorou discursos não só em português como em latim e inglês.

Em 1909 completa os preparatórios no secular Liceu do Ceará, recebendo o então diploma de bacharel em Ciências e Letras.

Em 1910, já cursando o primeiro ano de Faculdade de Direito, pronuncia sua primeira conferência literária e o que é hoje curioso - com ingressos pagos. É claro que, na época, a exaúpulo do que ocorria em outros países, sobretudo nos Estados Unidos, essa era uma atividade normal dos intelectuais. Exercendo tam-

bém o magistério como professor, é convidado no ano seguinte para dirigir, em IPU, um colégio fundado pelo seu irmão, padre Aureliano Mota.

A carreira de jornalista em 1912 se confunde desde o início com o interesse de Leota - como era conhecido Leonardo Mota pela poesia sertaneja. O irrequieto cearense funda naquela cidade, onde já era professor, a Gazeta de Sertão.

Era um semanário onde ele daria início, para nunca mais abandonar, a sua atividade em jornal. De IPU passa a escrever no "Correio do Ceará", onde chega à direção em 1937, quando este tradicional órgão da imprensa cearense já fazia parte da cadeia associada de Assis Chateaubriand.

De tudo que foi coletado a partir daquela data, e já muito conhecido nas rodas intelectuais do Ceará onde são inúmeras suas atividades, sempre divulgando a poesia popular e o folclore do Nordeste, Leonardo Mota viaja para o Rio de Janeiro para fazer conferências e lançar, isto em 1921, o seu primeiro livro - Cantadores - com 400 páginas com a Editora A J. de Castilho e com 10 mil exemplares. Na mesma ocasião é convidado para ir a São Paulo para dar conferências sobre o folclore do Ceará, visitando não só a capital paulista mas também Santos, e outras cidades do Interior.

Não pára mais a peregrinação de Leonardo Mota, não só para divulgar a cultura do Nordeste, como também para aprofundar os seus conhecimentos sobre ela e estabelecer comparações dela com as origens lusitanas. E Leonardo Mota, com muita frequência, estimulava os cantadores através da poesia lus. Jacó Passarinho, um dos muitos estudados e grande personagem do seu livro Cantadores, ouviu de Leota a trova portuguesa:

Com amores me amofino  
Tenho um amor cada mês  
É esse o triste destino  
De um coração português!  
Jacó Passarinho rebateu na hora:  
De amor a gente não muda  
De ano em ano, nem em mês!  
Amor é que nem beixa  
Só dá na gente uma vez.

Neste livro, o autor faz uma longa descrição do tipo de poesia de diferentes cantadores: o cego Sinfrônio, Jacó Passarinho, Azalão, apelido do pernambucano Sebastião Candido dos Santos; o cego Aderaldo, Luiz Dantas Quesado, João Mendes de Oliveira e Anselmo Vieira de Souza. Todos utilizavam os diferentes gêneros poéticos - obras de seis, sete ou oito pés, mourão, o martelo, a obra de nove por seis, a ligeira, o quadrão, o gabinete, o galope, a embolada, o dez ré em quadrão. O uso variado dos diferentes estilos revela não só a competência do poeta cantador mas sobretudo é a homenagem aos ouvintes. Outro aspecto a considerar é a habilidade do poeta em usar a viola, o que nem sempre é uma regra, como era o caso de Jacó Passarinho, que não sendo um bom violeiro, declarava nestes versos:



Quando nasceu Passarinho,  
Trouxe quatro dote junto:  
Ser branco, dar-se a respeito,  
Tocar pouco e cantar muito.

Canta baixo, mas cantiga  
Deste Jacó Passarinho,  
Não incomoda os doentes,  
Nem aborrece os vizinhos.

O desafio entre violeiros cantadores nem sempre podia ser considerado uma peleja de habilidade em versar. As agressões se sucedem e não raro, como conta Leonardo Mota, terminam em vias de fato. Daí a prevenção de alguns cantadores contra outros. Azalão, por exemplo, era preto e extremamente agressivo, o que fazia com que Jacó Passarinho o evitasse, não por medo, mas por "ser branco e dar-se a respeito". Ora, dar-se a respeito é não se misturar, é se fazer respeitar marcando distância. O preconceito contra o preto talvez explique a agressividade de Azalão e, abaixo, cito alguns versos do cantor mestre Teles:

Agora vou descobrir  
As falta que nego tem  
Nego é falso como Judo  
Nego nunca foi ninguém!

Das falta que nego tem  
Esta aqui é a primeira:  
Furta os macho no roçado,  
Furta em casa as cozinheira,  
Os nego pras camarada,  
E as nego pras paricêra.

Negro é tão infeliz,  
Infel e sem ventura  
Que, abrindo a boca, já sabe:  
Três mentiras tão segura!  
Quanto mais fala - mais mente

Quanto mais mente - mais ju-ra.

Como se vê, começa com uma quadra e passa em seguida aos "seis pés". Nos últimos versos varia para "oito pés".

Eu queria bem a nego  
Mas tomei uma quizila...  
Nego não carrega maca,  
Nego carrega é mochila...  
Nego não come-consome...  
Nego não dorme-cochila...  
Nego não munto-se escan-cha...  
Nego é que nem cão fila...

E termina como começou, com este

Nego não nasce-aparece!  
E não morre-bate o cabo!  
Branco dá a alma a Deus  
E nego dá a alma ao Diabo.

Entretanto, a afirmação de que negro é desleal é exagerada, porque no sertão nordestino, a deslealdade é do mestiço, o cabra. E é dito, não se poder ter confiança quando este tem os "olhos"

amarelo. Defendendo a bravura e a lealdade do negro, Leonardo Mota descreve as proezas do bacharel Santa Cruz, Alagoa do Monteiro, Paraíba, e o seu diálogo com negro Vicente, seu cangaçoero de confiança.

O negro Vicente disse:  
— Patrão, se não quer sair  
Dê-me as orde e deixe estar  
Que eu garanto resistir!  
Se tem confiança em mim,  
Arme a rede e vá dormir!

Venha a força que vier  
Enquanto eu mover os braços  
E não cortarem-me as pernas  
E eu der, ao menos, dois pas-  
soldado aqui chega inteiro  
Porém só volta aos pedaços!"

É interessante observar que há um indistincto ódio ao elemento da polícia. É dito, inclusive, que em algumas áreas do Nordeste, as chamadas volantes policiais que combatiam o bando do Lampião cometeram mais atrocidade do que o próprio bando, cujos componentes respeitavam o chefe religiosamente.

Mas no diálogo em verso entre o dr. Santa Cruz e o negro Vicente, depois do primeiro ter feito alusão à valentia da força pernambucana, o cangaçoero respon-

— Patrão, (respondeu o negro)

O valente também morre!  
Esse que avança na frente,  
Isso é o primeiro que corre...  
Bala não respita nome,  
Não tem pena, nem socorre!

Temendo uma longa luta com a força policial de Pernambuco e estabelecendo uma estratégia, aconselha A munição que eles trazem  
Acaba numa semana...  
É ter-se muito cuidado  
Na força paraibana,  
Não deixar ela se unir  
À força pernambucana!

O cangaçoero não pode também falar muito diante do coronel e demonstrando estar disposto somente a obedecer, diz:  
Isto é, (dizia o negro)  
Peço desculpas ao patrão,  
Isto é eu querer passar  
O pé adiante da mão:  
Vossa mercê é quem sabe  
Pois tem melhor instrução...

Eu sou negro ignorante,  
Só aprendi a matar,  
Fazer a ponta da faca  
Limpar rifle e disparar,  
Só sei fazer pontaria  
E ver o bruto embolar...

É a vez então do dr. Santa Cruz fazer o elogio à fidelidade e à bravura do seu cangaçoero:

"Então, disse Santa Cruz:  
— Vicente, tens instrução!  
Eu tendo cem como tu,  
Serei um Napoleão,  
Sou um segundo Alexandre,  
Ou um Togo no Japão!"

Nota-se, frequentemente, surpreendentes conhecimentos de fatos da história mundial, às vezes pouco conhecidos entre pessoas instruídas. Ao se referir a Napoleão e Alexandre, indiscutivelmente muito conhecidos, há referências ao almirante japonês, o grande vitorioso da Batalha de Porto Arthur, pouco divulgado entre nós.

Quem conhece o Nordeste, deve ter tido a oportuni-

dade de constatar o número grande de cegos em portas de igreja pedindo esmola em versos e agradecendo, também em verso, as moedas que caem na tigela. Leonardo Mota, que se comprazia destas infelizes figuras, anotou um duelo entre cantadores cegos na cidade de Guaramiranga, na Serra do Baturité.

Tenham pena deste cego,  
Filhos da Virge Maria,  
Eu sou cego de nascença,  
Nunca vi a luz do dial...

O folclorista confessa que se comoveu e ainda mais quando o outro contou a sua desgraça.

Quem nasceu cego da vista  
E dela não se lucrou  
Não sente tanto ser cego  
Como quem viu e cegou

O mais famoso dos cegos cantadores foi o cego Aderaldo - Aderaldo Ferreira de Araújo, cearense do Quixadá! O poeta cegou num desastre de trem em que era maquinista. Ao contrário, o cego Aderaldo mantinha um bom humor permanente e gostava de fazer quadros líricos, pouco comum entre os cantadores:

Meu benzinho, diga, diga,  
Por caridade confesse  
Se você já encontrou  
Quem tanto bem lhe quisesse.

Todo passarinho canta  
Quando vem rompendo a aurora  
Só a pobre mãe-da-lua  
Quando canta-logo chora...  
Assim eu faço também,  
Quando meu bem vai embora

O amor é ao sono,  
Que não dispensa ninguém...  
Eu só comparo com a morte:  
Ninguém sabe quando vem!

Leonardo Mota não estudou somente a poesia popular. Estudou e divulgou a forma da linguagem e sobretudo o surpreendente conhecimento e a sabedoria do ignorante matuto nordestino.

No tempo de Lampião, escreveu seu quarto livro, publicado no Rio em 1930. É uma importante obra para quem deseja estudar o fenômeno do banditismo no Nordeste e a sua correlação com as primitivas relações de produção. Leonardo Mota descreveu fatos interessantes e raramente conhecidos, chamando sempre atenção para o fato e a repercussão, e, sobretudo, pelo exagero da difusão despropositada de acontecimentos narrados, mas nem sempre verdadeiros.

A imprensa universitária do Ceará o reeditou em 1967 com um prefácio do jornalista e escritor cearense Fran Martins, com um estudo crítico, ressaltando o valor da obra de Leonardo Mota. O Leota, jornalista e folclorista, fez uma longa en-

trevista com Antonio Silvino, e nesta, em 1914, entrevistou vários cangaçoeros de Lampião como Serra Urna, Graúna, Passaro Preto, Zabelé, Cancão e Guará.

Desfilam interessantes histórias do cangaço e a participação comprometida dos "Coronéis" do Nordeste! É história braba, na qual a profunda miséria da qual a ignorância e juntas fornecem o dantesco quadro de atrocidade, sem apelação, nem com a fuga.

A rica obra de Leonardo Mota está contida no Adalberto Brasileiro, Cantadores, Violeiro do Norte, No Tempo de Lampião, Prosa Vadia e a Padaria Espiritual. Pela riqueza do seu conteúdo folclórico, é esquisito o fato da antropologia e da sociologia brasileiras ainda não terem despertado para todo este manancial, rigorosamente coletado e tão caprichosamente arrumado por este extraordinário pesquisador social.

Comentando, no prefácio que faz a terceira edição, a capacidade de Leonardo Mota em transmitir o anedótico do caboclo do Nordeste, Câmara Cascudo diz "que Leota desejava levar o mundo sertanejo para a compreensão cidadina nos ângulos mais variados do entendimento. As figuras não "representam" atos mas viviam um dia da sua existência, talqualmente ocorreria e poderia ter ocorrido. A lei da possibilidade é condição básica na assimilação da anedota social. O elenco, demarcado e vivamente, correspondia milagrosamente às exigências da credulidade ouvinte." Cita o professor italiano Adolf Padovan, que incluía a anedota como função didática. Ela resume, sintetiza e põe ao alcance da assimilação imediata todo um complexo psicológico de difícil apreensão total.

O próprio Câmara Cascudo diagnosticou o nosso imobilismo intelectual, quando disse que a obra de Leonardo Mota é para o ano 2000, ano em que este pobre país já demarcou como início de tudo o quanto ainda não conseguiu realizar, e nem pretende se esforçar, por enquanto, de criar as bases deste futuro luminoso. É também o ano em que findarão todas as obras fárricas, responsável pela nossa monumental dívida externa.

Sobre as vozes dos cantadores, recolhidas por Leonardo, diz o extraordinário Natalense Câmara Cascudo: São essas vozes e essa gente que manterão Leonardo Mota contemporâneo e vivo no espírito do povo brasileiro, na legitimidade verídica de sua cultura.

\* Palestra realizada no Clube 21 Irmãos Amigos de Campinas.

## DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon  
Carlos Kleber Canova

Tertúlia

Cássio Ravaglia - Divulgação  
Guido Arturo Palomba - Biblioteca e Suplemento Cultural  
Heber Maia de Mattos - Música

Nélson Pedral Sampaio  
Wanda Gonda

Pinacoteca